

O PREÁ AGORA É MINISTRO

Ugo Braga
Da equipe do Correio

Franzino e dentuço, o pequeno Pedro chegou em Brasília no dia 4 de agosto de 1962, aos 8 anos. Estranhou a seca nos primeiros dias. Estranhou ainda mais as ruas cheias de barro vermelho, sem jardins ou calçadas, só com alguns poucos prédios. Vindo do Rio de Janeiro, foi morar com os pais e oito ir-

mãos num apartamento de dois quartos na quadra 104 Sul. Durante três meses, viveu nesse “acampamento”. Em outubro daquele ano, a família se mudou para um apartamento de quatro quartos no terceiro andar do bloco J da quadra 305 Sul. O vizinho do primeiro andar tinha 12 filhos. Ao todo, 40 crianças moravam na mesma prumada. Logo formaram-se várias turmas de crianças e adolescentes. Não demorou, Pedro foi premiado com o apelido de *Preá*, por causa dos dentes projetados.

“Nos divertíamos atolando caminhões de lixo, jogando água nas rodas. Dá para imaginar a angústia de nossas mães a cada vez que chegávamos em casa encharcados de lama vermelha. Um dia, conseguimos atolar dois caminhões. Só saíram quando um trator veio rebocar”, suspira o engenheiro Pedro, hoje com 48 anos, ex-secretário-executivo do Ministério da Fazenda, ex-ministro do Planejamento, atual chefe da Casa Civil da Presidência da República.

Pedro Pullen Parente cresceu junto com Brasília. O esboço de cidade que ele encontrou em 1962 se transformou no centro das grandes decisões nacionais, como imaginou o fundador Juscelino Kubitschek, lugar de moradia de mais de dois milhões de pessoas. O *Preá* pôs aparelho nos dentes, deixou o velho apelido para trás e se especializou nos meandros do poder. É reconhecido como um dos grandes do país na área de administração pública. Não sai de Brasília por nada. “Já tentei sair uma vez e não agüentei”, depõe.

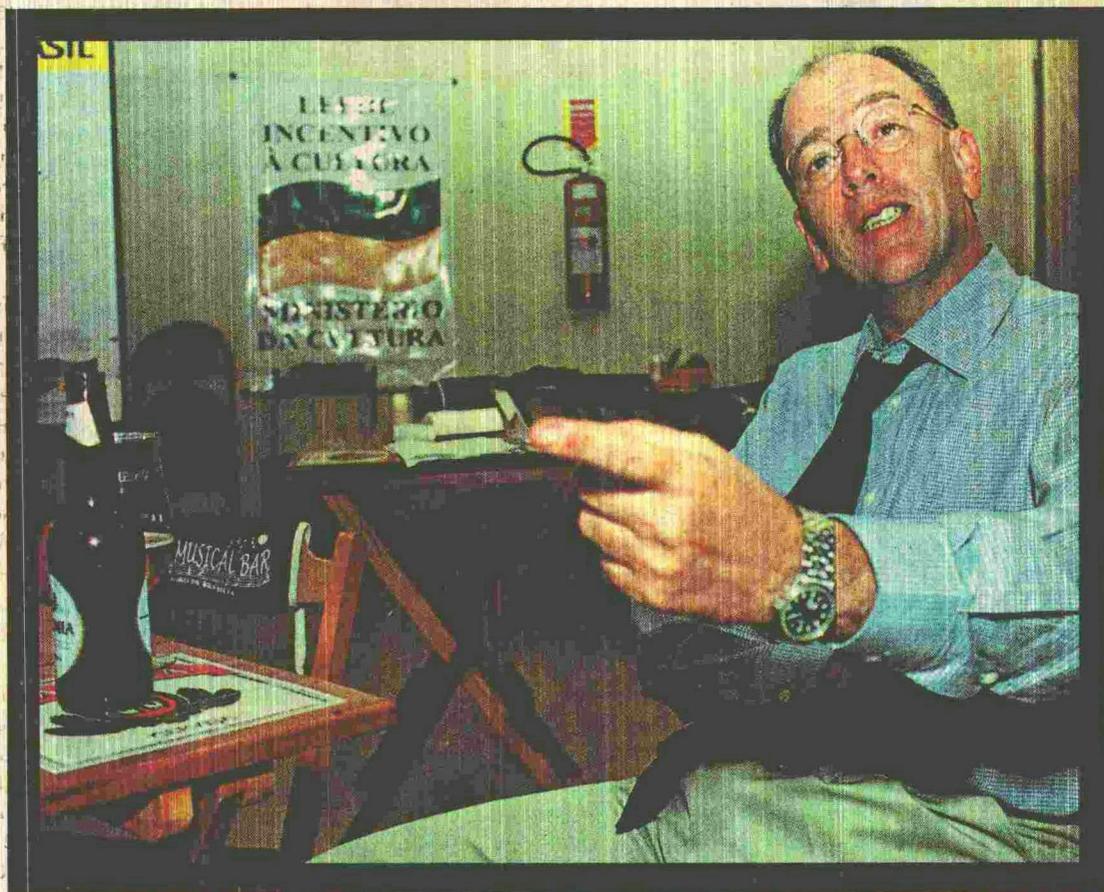
A separação do homem com a

PEDRO PARENTE CHEGOU À CIDADE AOS 8 ANOS. BRINCOU NO BARRO, ESTUDOU NA UnB E ACABOU NO PLANALTO

cidade aconteceu em 1977. Recém-formado em engenharia elétrica pela UnB, ele conseguiu emprego no Centro de Pesquisa da Telebrás, em Campinas, interior de São Paulo. Mudou-se para lá com a primeira esposa, Luce, e o filho mais velho, Rafael, nascido em Brasília meses antes. “Não agüentei três meses. Vi que não queria ser engenheiro e mais ainda, que não queria morar fora de Brasília”, lembra. Voltou para a cidade e pa-

ra o emprego anterior, no Banco Central. “Aqui tenho qualidade de vida, posso cuidar da minha família com tranqüilidade.”

Pedro Parente diz guardar recordações de Brasília em várias fases. Cita a fonte sonora e luminosa montada no Eixo Monumental (onde hoje ficam os viadutos ligando as avenidas W 3 Sul e Norte), o ponto de encontro da juventude na padaria Pigalli, na 304 Sul, e depois seu sucessor, a boate Drugstore, no Gilberto Salomão. “Lembro também dos bailes do late e do Congressinho, que eram rivais.” Hoje casado com a jornalista Gecy Belmonte, com quem teve Louise, de 6 anos, Pedro Parente adquiriu o hábito de ouvir chorinho. Tornou-se frequentador do Clube do Choro e amigo do seu presidente, Henrique Filho, o Reco do Bandolim.



FREQUENTADOR DO CLUBE DO CHORO, PEDRO PARENTE DIZ QUE NÃO CONSEGUE VIVER LONGE DE BRASÍLIA